

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE042567

ZANCHETTA, Diego. Despejos da região complicam o Rio Atibaia: esgoto e detritos industriais de Campinas e Paulínia representam uma "sentença de morte" para o manancial. Correio Popular, Campinas, 21 out. 2002.

Humilhado, massacrado e esquecido pelas mesmas populações que alimenta, o Rio Atibaia atinge seu ponto máximo de poluição ao passar pelas cidades de Campinas e de Paulínia. Depois de nascer cristalino nas montanhas de Nazaré Paulista e de receber uma imensa carga orgânica do Ribeirão Pinheiros, em Valinhos, o principal manancial da Região Metropolitana de Campinas (RMC) tem sua sentença de morte consumada ao ser golpeado com os escandalosos despejos de esgoto, a maioria originária do campineiro Ribeirão Anhumas.

Logo que as águas amarelas do Atibaia se transformam em um negro denso ao cruzarem com o Ribeirão Pinheiros, no trevo do distrito de Joaquim Egídio, o manancial continua sua via-sacra ao adentrar a zona urbana de Campinas, às margens da Rodovia D. Pedro I. Nem mesmo as poucas fontes naturais de água que ajudam a diluir a concentração de poluentes do manancial durante sua passagem por Campinas diminuem a situação caótica marcada por margens de terras negras, devastação da mata ciliar e extinção da fauna.

Beneficiado exclusivamente pela natureza, o Atibaia ainda tem alguns quilômetros de sossego ao cruzar a imensa Fazenda São Francisco, ao lado do distrito de Barão Geraldo. Nesse trecho, algumas garças disputam os mandis que ainda sobrevivem no rio. Mas quando o Atibaia volta a dar sinais de



vida, recuperando a sua imagem arenosa, vem o impacto mais drástico: o encontro dramático com o Anhumas, ribeirão que recebe grande parte dos 600 mil litros de esgoto produzidos diariamente por Campinas e por Paulínia.

A confluência ocorre dentro da fábrica da Rhodia, na divisa entre Paulínia e Campinas. Assim como ocorre no encontro do Atibaia com o Ribeirão Pinheiros, as águas da maior fonte de vida para 10 milhões de pessoas na RMC e na Grande São Paulo voltam a ganhar a tonalidade cinza, que revela a nefasta ação humana sob o manancial.

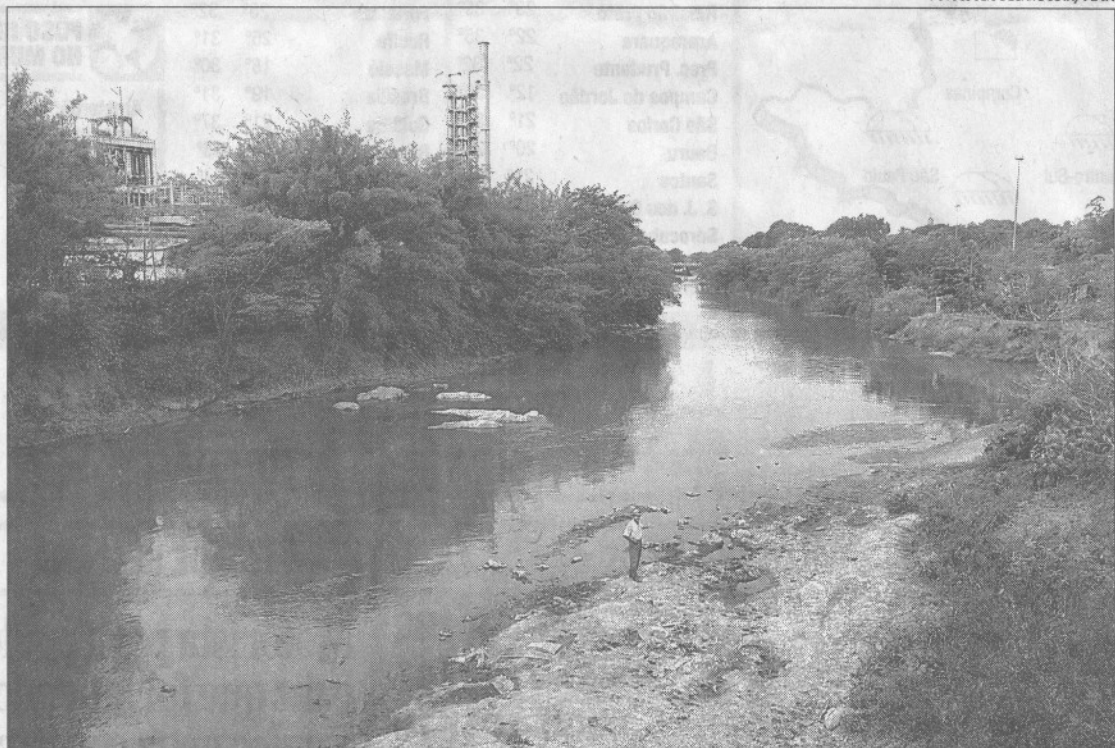
PROCESSOS

Sem tratamento, recuperação das bacias é inviável, aponta professor da Unicamp

“O problema da poluição do Atibaia hoje são os esgotos não tratados, principalmente de Campinas. Nos últimos dois anos quase não tivemos infrações das empresas por despejo de afluentes

industriais. A maioria das indústrias de Paulínia hoje tem tratamento de água”, argumentou o gerente da Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental (Cetesb) de Paulínia, Luís Eduardo de Souza Leão.

Mas não é isso o que diz o presidente da Associação Paulinense de Proteção Ambiental, Henrique Padovani. “A Cetesb sempre faz vistas grossas para as denúncias. Quando chove, muitas empresas de Paulínia aproveitam para despejar fenóis e sulfetos no Atibaia”, afirmou Padovani, ambientalista naquela cidade desde 1972. “A maioria dos processos movidos contra as empresas se perde nos prazos pela falta de empenho das autoridades em cobrar a responsabilidade dos criminosos. O Atibaia está morrendo e a Cetesb não faz nada”, disse.



O ambientalista Padovani na confluência do Anhumas com o Atibaia, em Paulínia



Membros da Associação de Remo, ontem em Sousa: trabalho de conscientização